

Imortais: um estudo de produções midiáticas contemporâneas sobre morte e morrer

Inmortales: Um estudio de las producciones mediáticas contemporâneas sobre la muerte y el morir

Immortals: A study of contemporary media productions of death and dying

Simone Caldas Bedin

Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz do Sul - RS/Brasil

ORCID: 0000-0002-2760-4053

E-mail: simonecaldas@unisc.br

Letícia Rauber

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo - RS/Brasil

ORCID: 0000-0001-8804-7652

E-mail: leticiarbr96@gmail.com

Resumo

Este trabalho objetivou compreender as formas como a morte é produzida no meio midiático, identificar mudanças na forma de lidar com a morte na sociedade ocidental e analisar as relações entre a produção da morte com o modelo capitalista. Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e exploratória de análise documental, cuja coleta de dados ocorreu em site de notícias online da região central do Rio Grande do Sul. A interpretação foi realizada a partir do referencial da psicanálise, aliando os achados com o referencial bibliográfico acerca da temática da morte e morrer. Dentre os resultados, observou-se que a mídia jornalística expressa a forma contemporânea de lidar com o fenômeno da morte na sociedade ocidental. A produção da morte nas redes é uma morte estética, diluída em meio às informações, banalizada e pronta para o consumo. O presente estudo aliou a investigação da produção da morte na mídia com o referencial psicanalítico para lançar luz sobre novas possibilidades de pensar a morte e o morrer no contemporâneo e refletir acerca das formas como lidamos com a morte na mídia.

Palavras-chaves: Morte e morrer; Mídia; Psicanálise.

Resumen

Este trabajo tuvo como objetivo comprender las formas en que se produce la muerte en los medios de comunicación, identificar cambios en la forma de afrontar la muerte en la sociedad occidental y analizar las relaciones con el modelo capitalista. Se caracteriza como una investigación cualitativa y exploratoria de análisis documental, cuya recolección de datos se realizó en un sitio de noticias online en la región central de Rio Grande do Sul. La interpretación se realizó desde el marco del psicoanálisis, combinando los hallazgos con referencias bibliográficas sobre la muerte y el morir. Entre los resultados, se observó que los medios periodísticos expresan la forma contemporánea de abordar el fenómeno de la muerte en la sociedad occidental. La producción de la muerte en las redes es una muerte estética, diluída en medio de la información, banalizada y lista para el consumo. Este estudio combinó la investigación de la producción de la muerte con el marco psicoanalítico para arrojar luz sobre nuevas

possibilidades de pensar la muerte y el morir em el mundo contemporâneo y reflexionar sobre las formas em que abordamos la muerte em los médios.

Palabras clave: Muerte y morir; Medios de comunicación; Psicoanálisis.

Abstract

This work intended to comprehend in what ways death is being produced in the mídia, to identify changes in the way of dealing with death in Western society and to analyze the relationship between the production of death with the capitalist model. It is characterized as a qualitative and exploratory research of documentary analysis, whose data collection was taken via a regional online news site in the central region of Rio Grande do Sul. The interpretation was carried out using the psychoanalysis framework, combining the findings with bibliographic references about death and dying. Among the results, it was observed that the journalistic media

expresses the contemporary way of dealing with the phenomenon of death in Western Society. The production of death on the networks is an aesthetic death, diluted amidst the information, trivialized and ready for consumption. This study combined the investigation of the production of death in the media with the

psychoanalytic framework to shed light on new possibilities of thinking about death and dying in the contemporary world and reflect on the ways in which we deal with death in the media.

Keywords: Death and dying; Media; Psychoanalysis.

Introdução

A morte é um fenômeno complexo que acompanha a humanidade desde os primórdios, adquirindo diversas significações ao longo desta trajetória. Não sendo esgotável em apenas um estudo, falar de morte é um desafio. Ademais, a morte e o morrer remetem a uma angústia que é geral no ser-humano. Conforme Brêtas, Oliveira e Yamaguti (2006), a constatação da própria finitude faz emergir no ser humano a angústia, frente a qual fazemos uso de diversos mecanismos de defesa para proteção de nossa integridade. A morte aparece, então, enquanto um evento do ciclo vital que desafia a crença de onipotência humana e evoca o medo da destruição.

Através de trabalhos como de Ariès (2003) e Elias (2001), que enfocam as mudanças das sociedades ocidentais e o manejo com a morte e o morrer, torna-se possível compreender o movimento da morte pelos séculos e reafirmar o que foi apontado por Menezes (2003): A forma como lidamos com a morte é um produto específico no tempo e no espaço, permeados por aspectos históricos e culturais. Trata-se de um processo de aprendizagem.

Conforme Ariès (2003), na antiguidade, a morte era pública. O moribundo morria cercado por seus amigos e familiares, com seu testemunho colhido e suas pendências resolvidas. Com a passagem para a modernidade, mudanças ocorreram, dentre as quais a morte passou do meio familiar e público para os cuidados médicos em hospitais, traduzindo um movimento de isolamento dos moribundos, processo descrito por Elias (2001).

A morte familiar e próxima da antiguidade é considerada como morte domada

por Ariès (2003), quando comparada com a morte que a sobreveio com a modernidade. Do século XVI ao XVIII, emerge a preocupação com a morte do outro e a associação da morte ao amor (Tanatos e Eros), em temas eróticos-macabros. Da mesma forma como o ato sexual, a morte passa a ser considerada transgressora e ocorre a ruptura com a familiaridade da mesma.

A partir do século XIX, as imagens da morte raramente surgem, significando que a morte “rompeu seus grilhões e se tornou uma força selvagem e incompreensível.” (Ariès, 2003, p. 159). Apesar de interdita, o interesse da população pela morte sempre existiu e ainda existe, sendo exemplificada através do público consumidor dos jornais e notícias. A morte é obscena, vista como algo proibido: Falar sobre morte é uma provocação, ao passo que causa uma tensão emocional, incompatível com a vida cotidiana.

Kübler-Ross (1987) ressalta que a morte do outro remete a nossa própria finitude, abalando, assim, as nossas defesas. De todas as espécies, o ser humano é o único consciente de sua finitude sem, contudo, conseguir conceber sua morte. Apesar de reconhecermos a morte, nos resta, inconscientemente, uma crença de imortalidade. E assim, lança-se mão de variados meios para tentar reprimir, negar e controlar a morte, sejam eles físicos, através dos avanços médicos que carregam consigo implicações bioéticas com as quais a sociedade deve se confrontar, ou psicológicos, usando e abusando da fantasia para tal.

Os recursos midiáticos e veículos de informação acompanham o processo de evolução da sociedade, de forma que a morte e sua notícia, sua narrativa, se transformam de acordo com as mudanças sociais. A presente pesquisa objetivou compreender as formas

como a morte e o morrer são produzidos pela mídia jornalística no contemporâneo. Mais especificamente, trata de entender como a mídia jornalística tem reproduzido a morte e o morrer na atualidade; identificar as mudanças na forma de lidar com a morte na sociedade ocidental; e analisar como a produção contemporânea da morte, aliada ao modelo capitalista, acarreta em relações de consumo. Este estudo se pauta pela metodologia psicanalítica para a interpretação dos materiais, aprofundamento teórico e discussão dos achados, lançando novos olhares ao fenômeno da morte.

Método

A presente pesquisa se configura como qualitativa e exploratória de análise documental. A pesquisa qualitativa é aquela que “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização das variáveis” (Minayo, 1994, pp. 21-22). A escolha do método qualitativo é aliada ao estudo da morte, ao passo em que se direciona para a compreensão, levando em conta aspectos subjetivos inseridos em história coletiva, em uma cultura (Minayo, 2012). A compreensão é, posteriormente, sucedida pela interpretação.

A coleta dos dados foi realizada em site de notícias *online* da região central do Rio Grande do Sul, com possibilidade de acesso em tempo real às notícias. A escolha deste veículo ocorreu em função da amplitude e alcance do jornal, bem como a ênfase regional proporcionada. O período estipulado para coleta foi de um mês, sendo realizada em julho de 2019, período selecionado previamente ao início do procedimento. Esse formato aleatório de seleção das notícias sobre a morte teve o objetivo de descobrir o que se tem produzido acerca da mesma.

A seleção do material ocorreu conforme palavras-chave, a saber: Morte, enquanto substantivo; os verbos morrer e falecer, com

suas respectivas flexões; e elementos que remontem a mortes trágicas, como homicídio e suicídio. As notícias que continham estas palavras em suas manchetes foram selecionadas para posterior discussão. O período em que as mortes ocorreram também constituiu um critério de inclusão ou exclusão de notícias, sendo que notícias de repercussão de mortes ocorridas anteriormente ao mês selecionado não foram contempladas. Ao final do processo de coleta, 49 notícias foram selecionadas.

A interpretação do material foi realizada a partir da psicanálise em extensão. Rosa e Domingues (2010) caracterizam que, enquanto a psicanálise de intenção diz respeito à doutrina da psicanálise, ao processo de análise e seus produtos, a psicanálise de extensão refere-se à psicanálise para o mundo, no mundo. A psicanálise em extensão se desenvolve enquanto metodologia de acesso ao subjetivo para além da palavra, ao passo em que o inconsciente se apresenta de diversas formas na vida humana, além da dimensão subjetiva, como cultural e social. Logo, se o inconsciente se apresenta em qualquer forma de enunciação, a escuta psicanalítica se torna possível em diversas ocasiões além da clínica, desde que se preservem e respeitem os requisitos psicanalíticos básicos para sua realização.

A análise, nesta metodologia, é guiada pelos processos de leitura dirigida pela escuta e transferência instrumentalizada por parte do pesquisador em relação aos textos, na busca da identificação dos significantes que contribuirão para o problema norteador da pesquisa (Iribarry, 2003). Ou seja, ao trabalhar com o texto, os significantes introduzidos poderão gerar novas significações e sentidos aos dados coletados. O pesquisador atua movido por sua transferência, por suas impressões acerca da produção.

Cabe salientar que as notícias foram utilizadas como suporte para o desenvolvimento das reflexões, a partir dos elementos suscitados através do contato das pesquisadoras com o material, sem o intuito de realizar um exame detalhado de cada notícia.

Nos contatos iniciais com o material, já como parte do processo de interpretação das pesquisadoras, as notícias foram divididas em dois grupos. O primeiro grupo trata das notícias que associam a morte ao crime e violência, contendo 25 notícias, enquanto o segundo grupo, que não associa a morte ao crime e violência, apresenta 24 notícias. A partir deste ponto, bem como de outros significantes que emergiram através da transferência, foram tecidas as considerações através de marcadores, que servem como guias do estudo.

Logo, afirma-se que a psicanálise não oferece uma verdade única e absoluta, sendo o que a diferencia de outras abordagens, conforme salientam Rosa e Domingues (2010). Ao utilizá-la enquanto método, o desejo do pesquisador é considerado no processo e os objetivos se produzem na investigação, pela própria investigação. A psicanálise não pretende esgotar uma discussão acerca de um fenômeno, mas lançar luz e esclarecer partes do mesmo que escapam às demais abordagens, “sobre a dimensão inconsciente presente nas práticas sociais. (Rosa & Domingues, 2010, p. 187). A partir desta metodologia, buscou-se a compreensão acerca da morte, fenômeno da vida humana, permeado por significantes, pautando-se nas produções jornalísticas, em formato de notícia, divulgados por site de notícia regional.

Resultados e discussão

O levantamento dos materiais através dos critérios de inclusão e exclusão resultou em 49 notícias selecionadas para o processo de interpretação. Através do método psicanalítico, procedeu-se à criação de marcadores como guias para o aprofundamento teórico aos conteúdos emergentes do contato das pesquisadoras com os materiais. Desta forma, a discussão é orientada a partir de três marcadores: A relação com a morte; o impacto da linguagem; e o consumo da morte: Não há morte natural.

A Relação com a morte

A trajetória histórica da morte nas sociedades ocidentais foi remontada por Ariès (2003) e Elias (2001), possibilitando a compreensão de um movimento de escamoteamento, de uma morte domada à uma morte selvagem. A morte que antigamente ocorria de forma pública, comunicada, cercada de amigos e familiares, passa a ocorrer de forma velada e silenciada. Através dos avanços sociais e tecnológicos, além do aumento da expectativa de vida, desencadeou-se o adiamento da morte, bem como isolamento, do morrer.

Não mais familiar, a morte perpassa os séculos sendo compreendida e ressignificada de diversas formas: Associada à vida, ao amor, ao sexo e ao macabro, observa-se o movimento que faz da morte algo transgressor, proibido e incompreensível (Ariès, 2003). O lugar da morte não é mais nas casas junto à comunidade, mas nos hospitais, lugar dos médicos. Conforme Menezes (2003), é a partir da primeira grande guerra que se instala a morte moderna: Silenciada, institucionalizada e racionalizada. A morte é oculta do social. Os avanços tecnológicos desencadeiam uma série de mudanças na morte e no morrer: O adiamento da morte, prolongamento da vida, a medicalização e diminuição no sofrimento físico do moribundo. Contudo, acarretam também processos de isolamento da morte e do morrer aos hospitais, inserindo-a em uma rotina institucional. Resultam destas abordagens o distanciamento com o fenômeno da morte e a negação da mortalidade humana.

Ainda que obscena, Ariès (2003) aponta que o interesse da população pela morte existiu e persiste ainda no contemporâneo, sendo exemplificado através de seu consumo por diversos meios de comunicação, como televisão, jornal, rádio e na internet. Mas falar de morte é uma provocação, uma vez que causa elevação da tensão emocional que não pode ser considerada compatível com a vida cotidiana. A morte interdita tem seu nome escamoteado: “No lugar das palavras e dos signos que nossos ancestrais haviam multiplicado difundiu-se

uma angústia difusa e anônima” (Ariès, 2003, p. 273). A morte virou um tabu e o sofrimento, patológico.

Freud (1996) aponta o tabu como algo inabordável, cuja expressão se dá através de proibições, por trás das quais há um poder perigoso, um desejo cuja restrição se faz necessária para contê-lo. “O tabu sobre os mortos é - voltando à analogia da infecção - especialmente virulento entre a maioria dos povos primitivos. Manifesta-se, em primeiro lugar, nas consequências decorrentes do contato com os mortos e no tratamento dos que os pranteiam”. (Freud, 1996, p. 66). Após a morte de um ente querido, é quando ocorre a censura, que segundo o autor emerge contra os desejos inconscientes: Onde há intensa ligação emocional, além do amor, também há uma hostilidade oculta. A partir disto, pode-se compreender os pensamentos de necessidade de proteção contra os mortos, os espíritos, os demônios em que podem se transformar. Trata-se de um deslocamento da hostilidade própria para os mortos. Assim, o tabu tem seu desenvolvimento sob uma base de ambivalência emocional.

Em todas as épocas, o ser humano procurou compreender o mistério e a linha tênue entre vida e morte. Freud (1996) aponta a evolução da ideia da morte pelo ser humano dividida em três fases. Na fase animista, o homem atribuiu a onipotência a si, enquanto que, na passagem para a fase religiosa, atribuem-na para os deuses; porém, reservando a si poder de influenciá-los, através de orações e rituais. Com a fase científica, já não há lugar para a onipotência do homem, que passa a submeter-se à morte e a natureza. Entretanto, parte desta “crença primitiva na onipotência ainda sobrevive na fé dos homens no poder da mente humana, que entra em luta com as leis da realidade”. (Freud, 1996, p. 99).

São estas nuances entre aceitação e negação da morte, entre uma crença em onipotência e submissão à ciência, que percebemos ainda hoje na sociedade e suas relações com a morte e o morrer, bem como na forma como a morte é produzida nos meios de

comunicação. Apesar de não falarmos abertamente sobre este fenômeno que nos inunda a todo momento, há uma avidez ao buscar e consumir notícias trágicas, em conhecer a história de vida dos que já nos deixaram, em acompanhar os crimes, as investigações, de ver fotos e vídeos vazados na internet, de acidentes, destroços, corpos “famosos”, que nem mesmo na morte escapam dos cliques. Ao mesmo tempo em que se busca a morte, o contato com ela pode gerar mal-estar, a lembrança da própria mortalidade. Assim, há uma ambivalência emocional na busca e leitura do mórbido, como no trato dos mortos e em relação a morte e o sofrimento humano.

Na análise das notícias, pode-se perceber dois grandes campos, ou dois vieses de abordagem: A morte decorrente de acidentes (trânsito, elétricos e afogamento) e a morte decorrente de delitos, associada à violência e ao crime. Poucas notícias neste site relatavam casos de morte por doença ou de “causa natural”, restritas as decorrentes das mortes envolvendo pessoas com maior renome e reconhecimento social.

No campo das mortes associadas ao crime, retomamos brevemente Freud, em *Totem e Tabu* (1996), que escreve sobre as relações do homem primitivo com as questões do sexo, da interdição do incesto e da morte. Para o autor, a sociedade estaria pautada por um crime original, descrito na morte do pai pelas mãos dos filhos, através da relação de dualidade amor-ódio. Sendo assim, a sociedade teria sua origem no crime que estipula, então, a interdição. Isto torna-se constitutivo nas formas de organização social e das subjetividades do homem. A religião totêmica surgiu deste sentimento de culpa e, por conseguinte, todas as demais religiões visam a solução do mesmo problema: Apaziguar os sentimentos e o “pai”, ainda que através de uma obediência tardia. Ao fornecer um pai, a religião soluciona o problema do desamparo humano.

Considerando que a civilização tem seu início com um crime pautado em relações amor-ódio (Freud, 1996), podemos transpor tais relações ambíguas aos acontecimentos

atuais relacionados ao crime, violência e, em especial, à morte. O ser humano apresenta dificuldade em conceber a própria morte, pois, em nosso interior, resta a crença da imortalidade. Negando a própria morte, o público tem interesse por notícias que abordem a temática. Apesar da morte ocorrer diariamente e de sermos bombardeados por notícias de acidentes e crimes, a morte sempre é relacionada ao outro e ao “ser morto”.

É inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para nossa vida na terra e se a vida tiver um fim, este será sempre atribuído a uma intervenção maligna fora de nosso alcance. Explicando melhor, em nosso inconsciente só podemos ser mortos; é inconcebível morrer de causa natural ou de idade avançada. Portanto, a morte em si está ligada a uma ação má, a um acontecimento medonho, a algo que em si clama por recompensa ou castigo. (Kübler-Ross, 1987, p. 14).

A morte como ação ligada ao negativo, ao castigo, que vem do exterior encontram reflexos no grande número de notícias veiculadas sobre os “mortos” em acidentes e em decorrência de crimes. Conforme mencionado, as mortes “naturais” raramente são manchetes. Kübler-Ross (1987) salienta que, se uma sociedade inteira padece do mesmo medo e, conseqüentemente, da rejeição da morte, as defesas de que faz uso são destrutivas. A partir disso, a criminalidade e a violência aumentam, como sintomas da incapacidade de lidar com a morte de maneira digna. Cada pessoa tenta encarar e adiar a morte de maneira particular, onde a possibilidade de mudar surge apenas quando começar a refletir sobre a própria finitude.

O ser humano lança mão de diversos meios para se defrontar com a morte, onde as concepções que a morte adquire para cada um perpassam as crenças de vida e morte, lendas e mitos. Elias (2001, p. 7) aponta que “podemos tentar evitar a ideia da morte afastando-a de nós tanto quanto possível, encobrimo e reprimindo a ideia indesejada – ou assumindo uma crença inabalável em nossa própria imortalidade – ‘os

outros morrem, eu não””. Portanto, o recalçamento da morte é antigo, mas as formas de fazê-lo são específicas para cada tempo. O medo da finitude é amenizado ao passo em que há crenças coletivas, como de vida eterna em outro lugar. O perigo da morte está presente em todas as sociedades, mas ele pode ser esquecido em sociedades consideradas mais avançadas, parecendo um fato distante. Naquelas menos desenvolvidas, em que a vida é mais curta, a incerteza e a violência são maiores, a ameaça da morte surge de maneira mais insistente, se torna mais presente na vida cotidiana.

Tal fato parece reafirmar o grande número de notícias encontradas nesta pesquisa que realizam a associação da morte com o crime, com a violência e com as tragédias. A forma como a morte é produzida na mídia jornalista aponta para a negação da morte natural. A morte veiculada e consumida é aquela que decorre da ação de terceiros, do assassinato, do acidente. Na mídia, parece não haver morte natural decorrente da própria mortalidade humana. Há sempre um agente, interno ou externo, envolvido.

No contexto social e cultural em que estamos inseridos, a ameaça da morte está à espreita. Seja através do aumento na violência, nos casos de crime, seja na percepção através do compartilhamento das notícias, ou pelas vivências de perdas. Frente a estas situações, surge no sujeito uma angústia, suscitada pela constatação da mortalidade humana. Para lidar com a angústia, ativam-se variados recursos a modo de evitar pensar e falar da morte, em uma tentativa de negar sua possibilidade. Contudo, a morte ainda adentra nossas casas e mentes, através dos variados meios midiáticos e de comunicação, em um processo que envolve não somente a angústia, como também linguagem e suas relações com o sujeito e morte.

O impacto da linguagem

A produção da morte em meios midiáticos, especificamente o jornal, pauta-se pela linguagem. As Teorias da Comunicação, de acordo com Freitas (1992), se pautam na Retórica de Aristóteles, originando o esquema

da comunicação emissor-mensagem-receptor. Lacan, em sua leitura de Freud, defende a centralidade da linguagem, uma vez que é através da interdição e do sacrifício que o ser humano acessa a ordem simbólica e instaura-se como sujeito, habitante da linguagem (Freitas, 1992). Enquanto cadeia simbólica, ela é determinante sobre o homem, não somente antes do seu nascimento, como após a sua morte.

A passagem do registro imaginário ao simbólico ocorre no complexo de Édipo, conforme Garcia-Roza (2009), com a inscrição do sujeito no individual através da marca do interdito. Resta, então, uma falta. E, através da interiorização da lei que permite sua constituição como sujeito, com o encontro com a palavra, se produz a própria morte. O ser humano conhece as coisas pelas palavras, é como cria, expressa e é, sendo a palavra a presença feita de ausência (Castro, 2011).

Ferreira (2002) aponta o símbolo como manifestação da morte da coisa e tal morte constitui a eternização do desejo. Ou seja, nós questionamos as significações da morte. Para a psicanálise, a linguagem não diz respeito à comunicação, mas a evocação; a fala como discurso que implica dirigir uma mensagem para alguém, aguardando resposta. O discurso surge como um efeito desta articulação entre a língua e a linguagem, sendo que há um discurso que antecede a constituição do sujeito, discurso do Outro. O inconsciente pode ser definido enquanto cadeia de significantes que se repete e interfere através do que escapa, em enigmas: “Nesse sentido, o inconsciente é a outra cena desse Lugar (Outro) em que se produz uma escrita” (Ferreira, 2002, p. 120)

A história e a subjetividade do ser humano, conforme Santos e Mohr (2018), tem início obrigatório em uma transgressão, cuja consequência é a morte, instalando a angústia como companheira dos homens. Para além de toda angústia de castração, toda angústia é de morte – sendo a castração entendida como um protótipo primitivo e preparatório para a morte. E a morte como a materialidade da impossibilidade, da falta de possibilidades. A

angústia surge como resposta a ameaça de castração, da perda, antecipando e preparando para o recalque – frente ao perigo. A finitude é o não vir a ser mais na cadeia de significantes. Ou seja, é somente enquanto um ser para a morte que o sujeito pode ser um significante.

A angústia da morte surge frente a morte do outro que faz com que o ser se defronte com a própria finitude, enquanto um afeto no sujeito. Este sujeito, faltante, em direção ao objeto que o completaria cujo encontro seria uma morte – subjetiva – pois só se pode existir enquanto há falta. Um sujeito que não deseja, está morto; se não sujeito, é objeto. A angústia é a última barreira da morte. “A interdição inaugura a concupiscência, o desejo, e a vida. A morte, aquilo mesmo que nos destinou à morte, nos destinou ao desejo e, por conseguinte, à vida subjetiva, uma vida fadada à falta e, porque faltosa, desejante”. (Santos & Mohr, 2018, p. 185).

Quando acede à linguagem, o sujeito perde o contato direto com o objeto e, assim, há a falta. O desejo passa a ser dito nas entrelinhas. O valor da linguagem reside no reconhecimento, ou seja, a linguagem une os sujeitos em um pacto que lhes transforma e, ao falar, busca-se o reconhecimento um no outro, bem como aquilo que lhes falta. Chemama (1995) salienta que no inconsciente, a unidade funcional não é o fonema, mas a letra – localizável e diferenciável. É puro símbolo. As palavras são, então, tratadas como coisas: “Elas se prestam à disjunção e à censura, conforme o jogo da “alíngua”, onde o sujeito do inconsciente consegue se fazer escutar e o sintoma, se escrever”. (Chemama, 1995, p. 108).

Vivemos imersos na linguagem e é através dela que buscamos nos realizar. Letras formam palavras e estas podem ser, também, a morte da coisa. A linguagem é ambígua, dual, causando aberturas na comunicação. Em psicanálise a palavra tem força, pois, se não a tivesse, não haveria tanto interesse nas notícias. Ao ler o jornal, algo nos chama, ocorre uma transferência com o texto, transferência esta que pode ser considerada um afeto, portanto

relacionada com a angústia de castração. As notícias que trazem a morte têm força, captam nossa atenção, pois tratam de um interesse comum a todo ser humano, mas é um interesse à distância. Ou seja, a notícia cria a lacuna, ao mesmo tempo em que tampona – porque quem morreu, não fui eu. Como afirma Kübler-Ross (1987, p. 26):

Em nosso inconsciente, não podemos conceber nossa própria morte, mas acreditamos em nossa imortalidade. Contudo, podemos aceitar a morte do próximo e as notícias do número dos que morrem nas guerras, nas batalhas, nas auto-estradas só confirmam a crença inconsciente em nossa imortalidade, fazendo com que – no mais recôndito de nosso inconsciente – nos alegremos com um “ainda bem que não fui eu”.

No processo de análise das notícias, o aspecto que despertou maior interesse e atenção foi do uso das palavras “morte”, “morrer” e “morto” nas manchetes. A palavra “morto” foi a palavra que demonstrou maior impacto e força nas pesquisadoras e, ao observar sua incidência, percebe-se que esta é utilizada com maior frequência nas notícias relacionadas à crimes, aparecendo em 15 notícias de um total de 25 do primeiro grupo, conferindo um aspecto mais dramático às notícias, presentificando a tragédia, o crime. No segundo grupo, a palavra “morto” aparece 2 vezes em um total de 24 notícias. Já as palavras “morre” e “morrer” aparecem em 2 notícias no primeiro grupo e em 17 notícias do segundo. O uso destas palavras remete à questão da imprevisibilidade, uma vez que este agrupamento contém as notícias acerca de acidentes e morte em decorrência de doenças. Em ambos, nota-se a prevalência da morte como algo exterior e que rompe com o curso natural.

Acerca do aspecto trágico que foi percebido nas notícias, especialmente associadas ao crime, relembramos que, em Freud (1996) já percebemos o caráter dual de sentimentos e afetos ocasionados. Contudo, buscamos na Poética de Aristóteles (2004) o significado da tragédia.

A tragédia é a imitação de uma ação elevada e completa, dotada de extensão, numa linguagem embelezada por formas diferentes em cada uma das suas partes, que serve da acção e não da narração e que, por meio da compaixão e do temor, provoca a purificação de tais paixões. (Aristóteles, 2004, p. 47).

Para Aristóteles (2004), o poeta constrói enredos, simples ou complexos, com peripécias e/ou reconhecimento, contando com o sofrimento para compor a tragédia, evocando afetos. “É necessário que o enredo seja estruturado de tal maneira que quem ouvir a sequência dos acontecimentos, mesmo sem os ver, se arrepie de temor e sinta compaixão pelo que aconteceu [...]” (Aristóteles, 2004, p. 63). A tragédia como um movimento de expurgar os afetos, através da forma como é estruturada, dos afetos que busca mobilizar e o reconhecimento que nos causa. Trata-se de uma catarse, uma liberação emocional, purificando-se, ao ir aos confins da mente, da alma e das paixões (Queiroz, 2013).

Almeida (2010) relaciona a catarse teatral da tragédia, à catarse pela leitura, bem como das diversas artes, da expressão musical, na dança como extroversão das fantasias, nas orações e nos cânticos. O desejo humano encontra no cinema uma forma de vivenciar suas fantasias, projetando e sublimando seus afetos; o cinema é libertador, as artes tornam-se libertadoras na medida que fazem com que o sujeito que as admira, sinta, comova-se e expurgue seus afetos. Logo, podemos supor que as notícias produzem, também, tais efeitos catárticos, a partir do momento em que os leitores têm contato com o material, seja ele físico ou virtual, através da manchete, das palavras, do texto ou das imagens, suscitando-lhes sentimentos diversos.

Retomando o uso e incidência da palavra “morto” nas notícias, encontramos em Costa (2009, p. 30) a afirmação de que, no Brasil, se fala do morto, não da morte: E, “se falarmos somente no morto, até a morte se perde, porque, enquanto falamos nele, o imortalizamos revivendo somente os momentos em que ele esteve vivo, e a morte

não é isso: é o momento em que o corpo deixa de ter vida, é o oposto da vida”. Ao falar do morto, exaltamos a vida e, assim, não falamos de morte. Falamos do morto ainda para negar a morte. Tal afirmação parece ir de encontro com os achados nesta pesquisa, apontando a negação da morte e a exaltação da vida.

O consumo da morte: Não há morte natural

A morte e o morrer, inseridas no modelo capitalista, adquirem significados diferentes, acompanhados de relações de consumo e mercantilização. Constrói-se assim, um mercado da morte, que atua não somente sobre o corpo físico, como também em aspectos psicológicos dos indivíduos. Na medida em que o modelo capitalista impera a busca pela felicidade, o consumo de bens e formas de viver, também cria o consumo de formas de morrer, fazendo da morte, então, objeto de lucro (Pimentel, 2015).

Apesar da tentativa humana de negar sua própria finitude, a temática da morte adentra o cotidiano da população a partir dos meios de comunicação. A morte, através de acidentes ou decorrentes da violência, é pauta diária e, em grande parte, usada de forma sensacionalista para captar a atenção do leitor em direção ao consumo. Há alguns movimentos, ainda tímidos, dos meios de comunicação para abordar a morte por outros vieses, de maneira mais sensível e até mesmo educativa. (Santos, 2009).

As notícias adentram as casas ainda pelo jornal impresso ou pela TV, e principalmente pelos computadores e celulares, através dos portais de notícia *online*, bem como através dos compartilhamentos de informação pelas redes sociais. Retomando o aspecto ambíguo em relação a morte, Kovács (2008, p. 465) observa que “há certa fascinação frente à morte, uma necessidade de consumo, que pode ser observado pelo aumento de audiência quando o tema se faz presente”. Há movimentos confluentes ao apresentar tais notícias, e um público que demonstra interesse na temática. Neste sentido, Ferreira e Oliveira (2014, p. 129) salientam:

É possível perceber a constante presença de notícias relacionadas à morte nos conteúdos dos meios de comunicação, seja em jornais impressos, seja em rádio, em televisão ou na internet. As notícias relativas à morte fazem parte da rotina da mídia, tendo em vista ser uma ocorrência comum – fazendo parte do ciclo natural da vida. Apesar disso, esse tipo de notícia pode acontecer em situações distintas e pode ou não se tornar noticiável.

Nesta pesquisa, observou-se a prevalência de notícias associando à morte ao crime e violência, ou aos acidentes. Ademais, outros aspectos prevalentes nos materiais selecionados dizem respeito às formas de apresentação das notícias através das manchetes, envolvendo os valores-notícia. O que merece, ou não, virar notícia é baseado, de acordo com Ferreira e Oliveira (2014) não somente nas definições dos proprietários do jornal e sua visão ou do público consumidor, como também por valores-notícia. Estes atribuem critérios ao que é noticiável, estando intimamente ligados a sociedade em que se está inserido. São valores-notícia: a morte em si, a notoriedade, a proximidade da informação, a relevância, infração e notabilidade. À medida que uma notícia engloba estes valores, será determinado o espaço que ocupará. Assim, o jornal ameniza a percepção da população acerca da realidade, pois “demonstra apenas parte da realidade, sobretudo a realidade dos indivíduos com valores-notícia adotados pelo veículo”. (Ferreira & Oliveira, 2014, p. 141).

As notícias que abordam o crime trazem para debate uma série de questões envolvendo a segurança pública, fato especialmente relevante no contexto brasileiro. Este tipo de notícia encontra sempre espaço nos jornais impressos e nos portais, circulando pelas redes sociais. Kovács (2006), afirma a morte como acompanhante do homem em todas as fases de desenvolvimento, deixando marcas em cada uma delas. Contudo, através da mídia, a morte adentra as casas através da violência, dos acidentes, das doenças. Geralmente, o que é “consumido” é, com frequência, a morte anônima, geograficamente distante, mas carregada de possibilidades de identificação do

público, seja por idade compatível, bem como por aparência semelhante, por exemplo.

Ao apresentar cenas e programas violentos, há uma tendência a “naturalizar” e banalizar a existência da morte, conforme salienta Kovács (2008). As cenas de morte, dor e sofrimento provocam sentimentos intensos no público, mas não lhes provê tempo para reflexão e elaboração, pois logo se dá segmento a assuntos mais amenos, saltando entre temáticas diversas. Devido a velocidade destes meios, não há uma possibilidade de elaboração destes conteúdos e, assim, “ao mesmo tempo em que é interdita, a morte torna-se companheira cotidiana, invasiva e sem limites, e, embora essas mortes estejam tão próximas (real ou simbolicamente), reina uma conspiração do silêncio”. (Kovács, 2006, p. 486).

Os meios de comunicação trazem a morte escancarada, que inunda os domicílios com uma torrente de imagens que envolvem mortes nas suas mais diversas formas, nos noticiários, novelas, filmes e documentários. É inegável que a morte está presente nas guerras, acidentes e que precisam ser noticiados. O que pensamos ser importante discutir é como a imagem da morte é veiculada, primeiramente na enxurrada de imagens repetidas inúmeras vezes, e no texto que acompanha as imagens, superficial e sem continuidade. Um outro ponto assustador é que, imediatamente após um noticiário envolvendo a guerra, tragédias ou morte de pessoas ilustres, é apresentado um anúncio ou notícia que muda de assunto, levando a uma banalização da morte. (Kovács, 2006, p. 494)

Considerando os meios de comunicação, Kovács (2006) salienta o caráter de formação, que podem assumir, resgatando a morte enquanto fenômeno potente para reflexões, abrindo espaço para se falar sobre isso de forma genuína e ensinar, desde cedo, as próximas gerações sobre a morte enquanto parte do processo, indissociada da vida. Contudo, a forma como a mídia, atualmente, produz e reproduz a morte, gera esta inundação dos domicílios com notícias de morte, desastres

e violência sem permitir tempo e espaço para assimilar tudo que foi consumido. Conforme Ariès (2003), a morte já não mais aceita pelo que é, vem sendo transformada em uma morte estética e produto de consumo.

A forma como a morte é produzida e noticiada causa diferentes impactos na população. Neste estudo, pode-se perceber que dois valores-notícia se encontram presentes em praticamente todas as notícias elencadas, sendo eles, a morte em si, bem como a questão da proximidade, visto que se trata de um jornal de ênfase regional. Os demais valores também se encontram presentes em grande parte das notícias, como infração/violência, notoriedade e relevância, sendo combinados com outros elementos que possam chamar a atenção do público. Assim, informações como a faixa etária e palavras específicas são itens explorados nas manchetes das mortes noticiáveis.

Importante salientar, ainda, um aspecto destacado por Souza (2008) em seu estudo, de que a estruturação das notícias adota a forma de pirâmide invertida. Ou seja, as principais informações aparecem logo no início, de forma superficial, para chamar a atenção do público para o consumo. Contudo, não há o objetivo de propiciar conhecimento e reflexões posteriores. São peças adaptadas ao mercado, padronizadas e simplificadas, na busca da emoção do público sem causar desconforto demais que vá interromper a continuidade do consumo.

Das notícias selecionadas, quatorze (14) fazem algum tipo de referência nas manchetes à faixa etária, sendo que sete (7) apresentam conceitos como “jovem”, “criança”, “menino”, “estudante”, que remetem à juventude. Outras sete (7) notícias trazem explicitamente a idade dos falecidos. Destas, duas eram de pessoas jovens (até 20 anos), uma referia a morte de uma figura famosa, em torno dos 50 anos. Outras quatro referiam a morte de pessoas mais velhas (65-88 anos), das quais três eram famosos. As demais notícias trazem maior impessoalidade, fazendo uso dos termos “homem” ou “mulher”. Ao relacionar a morte com a idade, somos remetidos ao ciclo vital do

ser humano e a reflexão da relação da morte com a idade.

Rondelli e Herschmann (2000) apontam que a morte de pessoas jovens evoca dedicações e lamentações relacionadas a interrupção do projeto de vida, de um futuro que não vai se realizar. O público é atingido através do emocional, pelo tom de tragédia na produção da morte. Há maior impacto na medida em que a audiência se identifica com a pessoa noticiada e, principalmente, quando se passa a ideia de um rompimento, da interrupção prematura de um projeto de vida. Brêtas, Oliveira e Yamaguti (2006) notam em seu estudo que a faixa etária é fator determinante no enfrentamento da morte e do morrer para os profissionais da saúde, afirmando que quando a morte está associada à pacientes mais jovens, mais traumatizante ela se torna, especialmente tratando-se de crianças.

Ao que a humanidade não controla, atribui-se como sendo algo do destino e sua natureza incontrolável. “A morte pode ser, portanto, significada como um ‘Destino’ imperioso para o ser humano”. (Cocentino & Viana, 2011, p. 592). Frente ao incontrolável, Cocentino e Viana (2011) referem que o ser humano se depara com um estado de desamparo, que lhe gera angústia. Em nossa sociedade, observa-se um movimento não somente de negação da morte, como também do próprio processo de envelhecimento. Por conta de nossa crença de imortalidade, vivemos como se nunca fossemos realmente morrer, expressando dificuldades em aceitar o envelhecimento, negando o declínio, os seus sinais e sintomas. Há um movimento de consumir a morte para, de fato, lembrar da vida. Tal ação opera em uma lógica de que, enquanto o outro morre, eu sigo vivo e vivendo. E assim, “os indivíduos ‘jogam’ o morrer para bem longe, tanto que a maioria das pessoas, inconscientemente, acredita que irá morrer velha”. (Souza, 2008, p. 40).

Vivemos em uma sociedade, conforme salientado por Giacomini, Santos e Firmo (2013) em que a juventude é valorizada e a velhice está associada à doença. A negação da

morte está expressa em fantasias antigas, da busca da fórmula da juventude, de magias e tecnologias que impeçam o envelhecimento e a morte, a obsessão com o adiamento da velhice. Neste sentido, nota-se que o uso da faixa etária explícita, através da idade, ou na menção de palavras que remetam à idade do falecido, causam impacto nos leitores, contribuindo para maior ou menor mobilização e consumo.

Outro aspecto presente no material são as notícias relacionadas às pessoas com maior renome na região e país, cujos nomes são expostos nas manchetes enquanto uma forma de “chamamento”, com um “que” de curiosidade a saber sobre o que aconteceu. Tal fato tem relação com diversos valores-notícia, como a morte, notoriedade e notabilidade e proximidade regional (Ferreira & Oliveira, 2014). A partir da notícia faz-se saber de sua morte, notificando a população e trazendo, de certa forma, explicações de como a morte ocorreu, aludindo, ainda, à vida, aos projetos, ao que fez, quem foi e quem deixou para trás. No caso da morte dos famosos, percebe-se, ainda, uma busca da imortalidade: “[...], antes eram construídos túmulos gigantescos. Agora, a preocupação é com a imortalidade virtual. E a televisão, ao lado de quem tem poder e fama, faz o trabalho de eternizar, na memória dos vivos, aqueles que mereceram ficar presentes neste mundo” (Souza, 2008, p. 176).

A mídia se encontra como componente de estratificação social, conforme Souza (2008), a partir do momento em que se relaciona a atenção dada à morte de famosos e de cidadãos comuns, fato observado na presente pesquisa. Enquanto os famosos são nomeados nas manchetes, lembrados e homenageados por seus feitos, às pessoas comuns resta o anonimato. A população “comum” vira notícia quando estão envolvidas em fatos que envolvem valores-notícia, ou seja, em situações inusitadas, extraordinárias. “A ênfase pública destas mortes é proporcional às características extraordinárias do evento. Dependendo do que aconteceu, tornam-se histórias valiosas por causa da dramaticidade e imediatismo do fato” (Souza, 2008, p. 73).

Logo, a população dita “comum” se torna notícia em eventos como os casos de incêndio, crimes violentos, afogamentos, entre outros exemplos, que recebem tratamento e espaço especial no jornal e nas telas. O que se busca é a emoção dos fatos, em que o trágico tem a capacidade de suscitar e expurgar afetos. Considerando a dramaticidade do fato, o interesse público aumenta. Contudo, importante salientar que “isso não significa que o público, na sua visão, sente prazer particular pelo sofrimento alheio, mas sim ao contrário, ele se identifica, solidariza-se com o que se passa na tela” (Souza, 2008, p. 75).

A repressão e negação da morte ocorre à medida em que ela passa a ser vista como um acidente: “algo que decorre da falha humana (atraso científico, imperícia médica, anormalidade ou agressão exterior)” (Souza, 2008, p. 54). Além disto, através da falta de tempo para reflexão, diluição e banalização da morte nas notícias, opera-se um distanciamento com o público, que causa um movimento de afastar da consciência a possibilidade iminente da morte. Este afastamento dificulta uma aproximação real e reflexiva em relação à finitude humana, do uso do tempo e como vivemos nossas vidas. Pensar a vida e a morte envolve emoções, valores, prioridades e questionamentos acerca do que nos orienta; em grande escala, torna possível influenciar a estruturação social e novas formas de se relacionar com o tema.

Souza (2008) demonstra em seu estudo o número prevalente de notícias de mortes vinculadas a um agente causador, seja a violência, desastres, falhas médicas, entre outros, e conclui “As mortes naturais não ‘existem’ para os telejornais”. (Souza, 2008, p. 169). Encontramos resultados semelhantes em nosso estudo, na medida em que há grande relação das notícias ora com o crime, ora com o acidente. A morte associada a doença surge nos casos de pessoas com maior reconhecimento social, nomeando-as na manchete, já enquanto um valor que chama a atenção do público consumidor, que deseja acompanhar as notícias, a vida, e a morte, dos famosos.

No que concerne a relação das notícias com o crime, percebe-se a prevalência do poder policial nestes casos. No levantamento do material, sugeriram notícias associadas à polícia, mais especificamente, com a morte de agentes. Estas mortes estão associadas aos valores notícia de notoriedade relacionada à profissão, ligado às questões de infrações e violência, pautas que recebem espaço nos meios midiáticos em nosso contexto sociocultural.

Silva (2009) contextualiza o policial enquanto profissional que está constantemente em contato com tudo aquilo que a sociedade busca negar veementemente: a violência, o crime, a miséria. Assim, esta profissão é pautada pelo risco, através do contato direto com a violência, com a morte (Cavalcanti, 2006). No imaginário social, há uma associação do policial ao mito do herói, remetendo a ideias de onipotência e imortalidade. Logo, as mortes envolvendo agentes policiais causam grande comoção no público, familiares e colegas de profissão.

Entretanto, se observa que nestas notícias a morte em si, enquanto fenômeno, não aparece, pois choca demasiadamente o público. Souza (2008) salienta que a atenção fica voltada aos bandidos e aos mocinhos, demonstrando o trabalho da polícia e exemplo do que acontece quando se está no outro lado da lei. Nas notícias visualizadas neste estudo, a morte de policiais vira notícia, bem como notícias de homenagens de seus colegas de profissão. A polícia também aparece nas manchetes quando se desenvolve a investigação dos crimes, demonstrando seu trabalho, as buscas, permitindo que a população acompanhe a ação contra o crime e violência.

A continuidade das notícias, em um caráter de insistência, de prolongamento do fato exposto foi um aspecto relevante nesta pesquisa. Esta insistência das notícias faz com que um fato apareça diversas vezes nas mídias, aumentando sua visibilidade e captando a atenção do público para saber do fato, a investigação e o seu desenrolar. O caráter trágico retoma seu lugar nestas notícias,

fazendo o uso da tragédia para “contar” os fatos.

Durante a coleta dos materiais, observou-se que, das notícias selecionadas, 7 fatos apresentaram continuidade dentro desta seleção e outras 3 possuíam continuidade em notícias que fugiam dos critérios de seleção. Destes 7 fatos, a maioria tratava-se de duas a três notícias, trazendo o fato à luz do conhecimento e, por fim, o seu desfecho. Contudo, houve um caso que apresentou maior insistência, ao passo em que causou grande repercussão na população e na mídia, fatores estes que se retroalimentam.

A situação em questão tratava-se de uma morte na região, envolvendo diversos valores-notícia, como a proximidade aliada à infração, através da violência, a notabilidade e notoriedade. Tal notícia trouxe a tragédia através da mobilização dos afetos e da insistência. Do total de 49 notícias selecionadas, 7 referem-se à esta morte, havendo ainda outras 5 notícias deste mesmo fato que não entraram na seleção por não cumprirem com os critérios estipulados para inclusão. Tais notícias envolviam relatos acerca do sujeito que veio a falecer, uma retrospectiva de sua história de vida, bem como o acompanhamento da investigação do caso. Pela cobertura da mídia pode-se perceber a proporção do fato na região e, da mesma forma, esta continuidade das notícias provoca o acompanhamento e envolvimento do público acerca do fato até o momento final do seu desfecho.

Percebe-se que a mídia atua de modo paradoxal, conforme explicitado por Souza (2008), pois ao mesmo tempo em que dissemina a morte, também a dissolve, criando assim a banalização ou espetacularização da morte nas notícias. Para este autor, é desta forma que a mídia contribui para o processo de continuidade da ilusão (inconsciente) de imortalidade, pois frente as diversas cenas e desgraças alheias que nos cercam, permanecemos vivos.

A morte na mídia é interdita, manipulada, dissolvida. Neste processo, remove-se o seu potencial catártico e de evocação, restando como fato noticiado uma morte estética. O jornal, enquanto um bem, está relacionado ao consumo e a forma de organização social em que está inserido. A mídia funciona enquanto um espelho da sociedade, de forma que não há como separá-las. Tal aspecto se torna visível ao observarmos o que é disseminado e considerado como fato noticiável e sua consonância com a forma como a sociedade em geral lida com a morte e o morrer e os valores que são compartilhados socialmente. Percebe-se, então, que há um processo de retroalimentação entre a forma como a morte é produzida pela mídia e a forma como a população lida com o fenômeno da morte, gerando um ciclo de produção e consumo da morte e do morrer.

Considerações finais

A morte perpassa o sujeito, ao longo de sua história subjetiva e enquanto espécie. É um mistério que evoca diversas reações e formas de lidar com o morrer e o moribundo. Neste estudo, a partir da análise dos materiais, a morte se mostra complexa e ambivalente, estando predominantemente associada a algum agente, interno ou externo. Torna-se possível observar a emergência do tênue limiar entre vida e morte, entre imortalidade e mortalidade, entre aceitar e negar a morte, da interdição e convivência diária. Ao mesmo tempo em que espanta, a morte desperta curiosidade e interesse na população, que a consome de forma segura, no conforto de casa.

O fenômeno da morte é, em si, um valor-notícia para os meios midiáticos, sendo alavancada e combinada por diversos outros valores que fazem com que uma morte seja, ou não, noticiada. Ao cumprir com os valores, a morte é produzida e, através da linguagem, impacta os leitores, provocando e mobilizando afetos. Demonstra a potência da linguagem enquanto poética que possibilita uma espécie de catarse. Contudo, a morte que se apresenta é uma morte estética, “limpa”, para satisfazer o interesse público, sem ferir em demasia, ao se

tratar de uma temática tabu, uma vez que a angústia que evoca não está em consonância e nem é compatível com as formas de viver e consumir do cotidiano contemporâneo.

Há um movimento de mostrar a morte, ao mesmo tempo em que se oculta, conforme ressalta Souza (2008), que provoca a negação da morte e o reforço da crença inconsciente de imortalidade humana. Ao abordar a morte, não se faz de forma educativa. Atualmente se fala da morte para se falar da vida, na tentativa de dissociar vida e morte. Assim, apesar de estar exposta diariamente, não é vista, falada ou refletida.

A produção da morte pelos meios midiáticos está presente na vida cotidiana de diversas formas, seja no rádio, no jornal ou em diversas telas, inundando-nos. Contudo, é preciso reproduzindo formas de pensar e lidar com a mesma que exigem um processo profundo de dar-se conta. Discutir e falar de morte torna-se essencial para o desenvolvimento social como um todo, a que o ser humano possa aproximar-se deste tema-tabu de maneira real e educativa. Causadora de angústia e destino comum do ser humano, é preciso pensar a morte em vida. Morte e vida se complementam, não há uma sem a outra. A mídia reflete a forma como a sociedade lida com a morte, ao mesmo tempo em que aprendemos com o que é compartilhado acerca do morrer pelos meios de comunicação, reproduzindo para as próximas gerações. Estes processos se retroalimentam formando um ciclo que exige consciência, espaço de fala e reflexão para rompê-lo.

O fenômeno da morte não se esgota em um estudo, devido sua amplitude e complexidade. As relações entre morte, mídia e

consumo é um campo para ser aprofundado em pesquisas futuras, bem como os impactos sociais destas interações nas formas que a sociedade encontra de lidar com a morte e o morrer. Importante salientar que este trabalho não possui o intuito de criticar as formas de atuação e escolhas midiáticas. Mas, sim, de cumprir com o direcionamento de buscar a compreensão da morte nos enunciados, ou seja, de compreender como a morte é produzida e reproduzida pelos meios midiáticos. Também não se estabeleceu o paralelo do interesse público pelo mórbido como crítica, mas, sim, utilizando-o para refletir no impacto da morte no ser humano que se solidariza com o que vê e lê e de que a morte, apesar de assustadora, é uma temática que capta o interesse humano desde a antiguidade.

Este estudo objetivou um olhar para determinados aspectos da morte e do morrer na mídia jornalística, partindo do referencial da psicanálise para lançar luz a este tema complexo. Ao utilizar o método psicanalítico, o próprio desejo das pesquisadoras é considerado no processo de investigação, tendo em vista que a análise dos dados é orientada pela transferência instrumentalizada. Este estudo não buscou verdades absolutas e, sim, novos nortes para refletir sobre o fenômeno da morte, uma abertura para abordá-la de forma diferente ao que se propaga por diversos meios.

Presente enquanto questionamento humano desde os primórdios, a morte permanece sendo um mistério. Resta a esperança de trilharmos caminhos de aproximação e aprofundamento acerca da morte e do morrer, do moribundo e o manejo do sofrimento cada vez mais alinhadas à dignidade e solidariedade, tendo em vista ser uma estrada que, cedo ou tarde, todos trilharemos.

Referências

- Almeida, W.C. de. (2010). Além da Catarse, além da integração, a catarse de integração. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 18(2), 75-95. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932010000200005&lng=pt&tlng=pt.
- Ariès, P. (2003). *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Aristóteles. (2004). *Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Brêtas, J. R. S., Oliveira, J. R. de & Yamaguti, L. (2006). Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. *Revista Escola de Enfermagem da USP*, 40(4), 477-483. doi: [10.1590/S0080-62342006000400005](https://doi.org/10.1590/S0080-62342006000400005)
- Castro, J. C. L. (2011). A Palavra é a Morte da Coisa: Simbólico, Gozo e Pulsão de Morte. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 11(4), 1405-1028.
- Cavalcanti, D. F. L. (2006). A Experiência num Campo Desconhecido: A Instituição Policial Entendida por um Estudante de Psicologia. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26(1), 144-153. doi: [10.1590/S1414-98932006000100013](https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000100013)
- Chemama, R. (1995). *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Cocentino, J. M. B., & Viana, T. C. (2011). A velhice e a Morte: reflexões sobre o processo de luto. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(3), 591-599. doi: [10.1590/S1809-98232011000300018](https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000300018)
- Costa, P. R. (2009). *O imaginário social sobre a morte no Contemporâneo*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Instituto de História. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, MG, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/18807>
- Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos seguido de "envelhecer e morrer"*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Ferreira, F. V., & Oliveira, R. F. (2014). Os valores-notícia da morte no jornal Correio Braziliense: Quem merece ser notícia quando morre? *Mediação*, 16(19), 127-142. Recuperado de http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/2325/pdf_17
- Ferreira, N. P. (2002). Jacques Lacan: Apropriação e subversão da linguística. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* 5(1), 113-132. doi: [10.1590/S1516-14982002000100009](https://doi.org/10.1590/S1516-14982002000100009)
- Freitas, J. M. M. (1992). *Comunicação e Psicanálise*. São Paulo: Editora Escuta.
- Freud, S. (1996). Totem e Tabu. In: Strachey, J. (Ed). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 13*, pp.12-163. Rio de Janeiro: Imago.
- Garcia-Roza, L. A. (2009). O Sujeito e o Eu. In: Garcia-Roza, L.A. *Freud e o inconsciente* (pp 196-229). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Giacomin, K. C., Santos, W. J. & Firmo, J. O. A. (2013). O luto antecipado diante da consciência da finitude: a vida entre os medos de não dar conta, de dar trabalho e de morrer. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(9) 2487-2496. doi: [10.1590/S1413-81232013000900002](https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000900002)
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* 6(1), 115-138. doi: [10.1590/S1516-14982003000100007](https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007)
- Kovács, M. J. (2008). Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 18(41), 457-468. doi: [10.1590/S0103-863X2008000300004](https://doi.org/10.1590/S0103-863X2008000300004)
- Kovács, M. J. (2006). Educação para a Morte. *Psicologia ciência e profissão*, 25(3), 484-497. doi: [10.1590/S1414-98932005000300012](https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000300012)
- Kübler-Ross, E. (1987). *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo: Martins Fontes,
- Menezes, R. A. (2003). Um Modelo para Morrer: última etapa na construção social contemporânea da pessoa? *Campos – Revista de Antropologia*, 3, 103-116. Recuperado de <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/1590>
- Minayo, M. C. S. (1994). *Pesquisa Social:*

- Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621-626. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMFf/?lang=pt&format=pdf>
- Pimentel, M. S. R. (2015). *Morte-mercadoria na sociedade contemporânea: Análise dos discursos de negação e posituação da morte no capitalismo* (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, AL, Brasil. Recuperado de <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/2223>
- Rondelli, E., & Herschmann, M. (2000). A mídia e a construção do biográfico: o sensacionalismo da morte em cena. *Tempo Social*, 12(1), 201-218. doi: [10.1590/S0103-20702000000100011](https://doi.org/10.1590/S0103-20702000000100011)
- Rosa, M. D., & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: A utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 180-188. doi: [10.1590/S0102-71822010000100021](https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000100021)
- Santos, F. S. (2009). Um sentido para a vida e para a morte. In Santos, F.S. *Cuidados Paliativos: Discutindo a Vida, a Morte e o Morrer* (pp. 1-29). São Paulo, SP: Editora Artheneu.
- Santos, R., & Mohr, A. M. (2018). A (de)vida angústia de morte: considerações a partir da filosofia e da psicanálise. *Natureza Humana*, 20(1), 169-187. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302018000100011&lng=pt&tlng=pt
- Silva, J. H. R da. (2009). *Estudo sobre o trabalho do policial e suas implicações na saúde mental* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-04122009-112509/publico/JoanaHRSilva.pdf>
- Souza, C. A. (2008). *Telejornalismo e morte: A interdição do ver no noticiário televisivo*. Itajaí: Univali Editora.
- Queiroz, A. (2013). Sobre o conceito de catarse na poética de Aristóteles. *Revista Entrelinhas*, 1(1), 1-3. Recuperado de <https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/entrelinhas/article/view/214>

Dados sobre as autoras:

- *Simone Caldas Bedin*: Graduada em Psicologia pela Pontífca Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de Tuiuti do Paraná. Docente na Universidade de Santa Cruz do Sul e psicóloga com consultório particular.
- *Letícia Rauber*: Graduada em Psicologia na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), atualmente pós-graduanda em curso de especialização Psicanálise: Técnica e Teoria na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Declaração de Direito Autoral

A submissão de originais para este periódico implica na transferência, pelos autores, dos direitos de publicação impressa e digital. Os direitos autorais para os artigos publicados são do autor, com direitos do periódico sobre a primeira publicação. Os autores somente poderão utilizar os mesmos resultados em outras publicações indicando claramente este periódico como o meio da publicação original. Em virtude de sermos um periódico de acesso aberto, permite-se o uso gratuito dos artigos em aplicações educacionais e científicas desde que citada a fonte conforme a licença CC-BY da Creative Commons.



[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

